

Illustração

PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTÍSTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GONÇA

Redacção, Administra-
ção e Officinas de
Composição e Im-
pressão

Rua Formosa, 43-LISBOA



O «SANTO ANTONIO» DE COLUMBANO
(Cliché de ARNALDO FONSECA)



Meio século de successo
ESTOMAGO
 O Elixir do Dr Mialhe
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.
 A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno 4\$800 réis
 " semestre 2\$400
 " trimestre 1\$200

Assignatura co'juncta do «Seculo», «Supplemento Humorístico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

Por anno 8\$000 réis
 " semestre 4\$000
 " trimestre 2\$000
 mez (em Lisboa) 700

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
 Cheques para hotéis.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA

Madame

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physiionomista da Europa

Brouillard

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenligney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA
 Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

J. CASTELLO BRANCO

Bicycletas



Marca inglesa, as mais solidas e elegantes desde 22\$500 réis. Bicycletas Simplex, Humber, B. S. A. ultimos modelos. Bicycletas ingezas Radford, modelo especialmente feito para a reforçado, aros nickelados, roia livre, guarda-lamas e 2 travoes, preço 32\$000 réis. Enorme sortimento de accessorios, taes como: protectores Continental, Dunlop, Coventry; camaras d'ar, businas, lanternas, rodas livres, etc., etc., tudo a preços baratissimos. Grande deposito das melhores machinas falantes e discos Simplex dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções. CASA SIMPLEX. Bicycletas, discos e machinas falantes.

Rua do Socorro, 48
 Rua de Santo Antão, 32 e 34

LISBOA

UM PINTOR DO TEMPO DOS FRANCEZES



SEQUEIRA

Sequeira vivia em Roma todo entregue á sua arte de pintar, estudando as obras primas e meditando os mestres quando a ordem sacudida, chegada do reino, o mandou regressar a Lisboa. A côrte portugueza vivia apavorada; encerrava-se nas muralhas fortes que o intendente Manique vigiava, receiosa dos contactos com as idéas expostas em França pelos milhares de bocas esfaimadas, algumas das quaes mais tarde deviam atafulhar-se dos melhores boccados, servidas por criados de librê, mas que n'aquelle periodo berravam demagogias e pediam a morte dos tyrannos. Dois annos antes a guilhotina manchára-se do sangue dos reis e a Europa tremera ante a audacia revolucionaria; clamára, fôra contra a França que não contente de defender o seu territorio dos exercitos colligados, mandára

os seus soldados a vingar os ousados propositos das velhas realezas. Portugal ia vêr, n'esse anno de 1795, as suas fronteiras ameaçadas e o intendente da policia, Manique, até certo ponto o sustentáculo da escola de pintura dos portuguezes em Roma, temendo os contagios jacobinos e sacrilegos para os seus artistas, ordenára o seu regresso rapido a Lisboa. Sequeira talvez nem desse pelas lojas maçonicas que se estabeleciam na Cidade Eterna nem ouvisse o vozear da mocidade romana contra as regalias, todos aquelles brados dos mais intelligentes homens italianos pedindo, agora já romanticamente, uma revolução egualisadora, porque tendo em mira apenas as cousas d'arte deixava no logar que ellas merecem as intrigas da politica. Os quadros de Raphael, toda essa obra sublime



A Esperança (carvalho de Sequeira)

do tempo dos grandes pontífices generosos, preocupava-o bem mais que as ceifas sangrentas do cidadão Robespierre e o lindo e inexcedível rosto da Fornarina era para elle maior deleite e mais subido entusiasmo do que o tropejar cavo dos convencionaes e as canções vingativas em breve transformadas em cantigas de prazeres no alvorecer do Directorio.

Apesar de tudo, Manique mandára-o recolher ao reino e elle viera saudoso d'uma mulher que amára e das madonas formosas expostas nas galerias dos principes romanos. Lisboa era então um burgo tristonho, atravancado ainda pelas ruínas do terremoto com uma côrte beata, uma rainha lypemaniaca, um principe cheio de receios, um intendente da policia buscando deter a onda revolta que vinha pelas fronteiras; com mulheres formosas que rezavam a Deus pelos amados e com peraltas devotos que resmungavam orações, tudo isto sob um lindo céu azul dado pela natureza como uma cupula a tantas miserias. O artista, habituado ás ruínas artisticas da Roma cesarea e pontificia, não se entendia no meio das caliças amontoadas da cidade; tendo tratado de belleza, mal podia ageitar-se entre tanta fealdade; ganhando ouro bastante para se manter, sentia faltarlhe o ambiente necessario ao seu desenvolvimento ao ouvir o Marquez de Val de Reis gritar fu-



1 — Esboço do celebre quadro de Sequeira «A descida da cruz». 2 — A Justiça (carvão de Sequeira)

riosamente ante o preço de mil moedas que lhe pedira pela pintura de certa batalha onde figurava um antepassado do fidalgo. O senhor de Val de Reis tinha mais em conta as moedas do que o feito do seu ascendente e entendeu que a arte maravilhosa de Sequeira se devia pagar pelo ratinhado preço com que se saldavam as ferias dos brochantes que pintavam nos portões dos seus palacios os escudos e as corôas ou davam a almagre certo luzimento ás cancellas das quintas. Como aquelle nobre cortezão eram os outros. Portugal mettia-se nos refolhos da ignorancia; Manique como um dragão vigiava; sonhava em prender o pensamento e a nobreza achava bem e ia pedindo ao Altissimo que fizesse chover grilhões. Só nas casas da Academia o principe João Carlos — o Lafões famoso — se ia rindo da ignorancia e aco-



lhendo os
sabios, o
que lhe
rendia más palavras da sua nobilissima
parentella.

O PERIODO DA RELIGIOSIDADE ❀ NO TEMPO
DOS FRANCEZES ❀ O QUADRO ALLEGO-
RICO ❀ A DESCIDA DA CRUZ

O artista pensou então em recolher-se a um convento. Dentro da sua cella, longe do mundo, de toda aquella fidalguia medrosa, de todos aquelles horrores do seu tempo; poderia seguir abertamente o seu caminho d'arte, seu unico sonho desde a meninice, quando seu pae, o barqueiro do caes de Belem, o olhava com pena de

ali para sempre no socego sepulchral do convento, livre de necessidades pela generosidade dos frades, quando um Sousa Coutinho, descendente digno d'esse frei Luiz de Sousa, tambem artista e tambem monge, o veiu arrancar d'ali para o reintegrar na sua grande arte obtendo-lhe do principe D. João a tença de dois contos annuaes. Começou então o seu periodo de pintura historica; o trabalho calmo ao abrigo de necessidades; o habito de Christo a galardoar-lhe os meritos, a academia de desenho, que fundára, a servir-lhe de distracção nos ocios, satisfazendo-o no ensino dos estudantes que para lá concorriam. O conde d'Anadia recs-



O conde D. Henrique visitando o ermitão Le-
bocca a propheta do nascimen-
(Esboço para um qua-

o metter no mister rude de conduzir ás remadas as faluas na travessia do rio. Foi para o Bussaco a entender-se com os monges e n'aquella primavera famosa, ouvindo assobiar os melros e cantar na sua alma os seus amores de Roma, teve a coragem de tomar o burel de noviço como uma mortalha da sua mocidade, a fugir talvez ao suicidio com o retiro nas cousas santas. No inverno veiu para a Cartuxa de Caxias, vestido no seu habito, todo entregue á pintura da sua tela de São Bruno d'um claro escuro assombroso, tão singular como o seu São Paulo, a quem um corvo traz um pão, e como o seu São Jeronymo, a quem um anjo formoso vem dar uma diaphana hostia. Dispunha-se a ficar

rita na sua gruta no Barroso e ouvindo da sua
to de D. Afonso Henriques
dro de Sequeira).

bia-o no seu palacio e sentava-o á sua mesa com o Vieira Portuense, companheiro e consocio de Sequeira. Pintava o quadro celebre relativo a Martim de Freitas entregando nas mãos mortas de seu amo as chaves do seu castello, quadro pertencente hoje á galeria Palmella, e que é uma obra d'uma intensa dramatisação. O Vieira pintava o episodio de Filipa de Vilhena, tambem para o conde d'Anadia e á compita com o seu sublime contemporaneo que já desenhára o quadro da *Descida da Cruz*, a obra celebre, cujo esboço entregára ao regente n'um agradecimento, que ficou na casa de Bragança e figura honje n'um album da Bibliotheca Nacional, que pertencera a el-rei D. Ferrando. A

côrte recebia-o; andava decorando as salas d'Ajuda; D. João — o regente — pagava-lhe em dia a sua pensão; era estimado; a gloria já o bafejava quando de subito viu partir n'uma galopada toda aquella gente,

atirar para os barcos as obras primas da pintura juntas com as bagagens; as cousas raras ao lado das mais mesquinhas na manhã nevoenta em que a rainha doida, desgredada e pallida, clamava contra a fuga. Chegavam os francezes. O regente mandára ao Joaquim José de Azevedo que fôsse quartelleiro de Junot para cuja recepção se erguera em Sacavem se barraca de campanha na qual — dizia a ordem dos governadores do reino — seria servido ao general francez um almoço á maneira de *ambigu*. Sequeira deixou partir essa côrte; refugiou-se mais na sua arte e continuou a receber a sua pensão, mercê de certo conde de Fabri, official de Junot, que adorava a pintura e vira o genio do nosso grande pintor. Na partida o regente ordenára que se recebesse os francezes como amigos; o pintor não podia ser diferente da nobreza que ajoelhára deante d'elles; do commercio que os presenteara, do clero que os louvára nas suas pastoraes. D'este modo Sequeira viveu com Junot, visitou-o no palacio Quintella, coisa curiosa, de que fizeram mais tarde um crime hediondo; pintou alguns quadros destinados ao sr. du-



1—O primeiro esboço do celebre quadro "A Ascensão". 2—O pintor brasileiro Manuel Dias (*carvão de Sequeira*)

que d'Abrantes, que lhe garantira a pensão, o pão da sua familia, o bastante para poder entregar-se á sua arte — ao sonho que o tomava e não o deixava enredar-se nas misérias da politica do seu tempo.

SEQUEIRA E A REGENCIA
 A SOPA O PIN-
 TOR NO LIMOEIRO
 A BAIXELLA DE WEL-
 LINGTON

Os senhores condes, os senhores fidalgos, iam para Bayonna pedir a Napoleão uma baixa de impostos; outros iam pedir um rei francez; alguns indicavam até o general invasor. Sequeira fez o quadro *Lysia*, amparada pelo genio das nações e consolada por Junot, onde havia um Marte symbolisando a França e um Neptuno a marcar a Inglaterra; pintou retratos de officiaes francezes; viveu com elles como de resto os proprios que mais tarde deviam fingir puritanismo. O bispo do Porto, que se curvára bem rasteiramente, ao vêr os francezes expulsos clamava contra os jacobinos; a nobreza, que o adorava em S. Carlos, fizera o mesmo mas todos se voltavam contra Sequeira porque pintára aquelles brilhantes husards que deviam fascinar a sua imaginação d'artista e porque accetára do invasor alguns jantares na mesma mesa onde tinham comido os senhores da antiga côrte de Queluz, agora feitos subditos fiéis d'um principe que tinham renegado.



pensou em
 oferecer a
 Wellington a
 celebre bai-
 xella, que
 custou cento
 e dezesete
 contos, foi a elle que
 pediram planos, de-
 senhos, allegorias,
 todo esse trabalho
 de maravilha que
 torna sublime o pre-
 sente de Portugal
 ao vencedor de Wa-
 terloo. Pintára tam-
 bem o celebre qua-
 bre quadro da *Sopa*
 que a *Illustração*
Portuguesa já pu-
 blicou e que ficou
 celebre entre os seus
 trabalhos. Apesar
 de tudo o pintor
 estava sem pensão;
 era visto sempre
 com desdens; soffria
 a intriga dos colle-
 gas e quando che-
 gou a revolução de
 1820 adheriu ás suas

Mas o pintor pagaria
 os seus desmando, seria
 sacrificado á maldade dos
 nobres que queriam enco-
 brir n'esse castigo as pro-
 prias faltas e á inveja dos
 camaradas que procuravam
 inutilisar o rival assombroso
 que a posteridade devia co-
 nhecer pelo *Rembrandt do*
claro. Na noite de Natal
 de 1808 o povoleu alvoro-
 çado, levando comsigo sol-
 dados de cavallaria 4, exci-
 tado pelos inimigos de Se-
 queira, foi arrancal-o á sua
 consoada e levou-o violent-
 mente para o Limoeiro,
 onde jazeu em holocausto

á intriga. De toda a côrte de Ju-
 not elle era o menos culpado, mas
 um celebre Manuel da Costa, que
 andára pintando em Queluz quan-
 do se esperava Napoleão, os pin-
 tores Taborda e Foschini foram
 logo depôr contra elle, dizendo
 que sabiam da allegoria a Junot e
 que metteram um cavallo no paço,
 naturalmente necessario para os
 seus trabalhos da sala do docel.
 Foschini era quem mais aprovei-
 tava com o testemunho. Sequeira
 não foi condemnado graças a pro-
 tecções poderosas e quando se

idéas, mas com tão pouco enthu-
 siasmo, que os deputados vestidos
 de briche d'essa epoca, lhe recusavam a
 pensão, e só Borges Carneiro a sollicitava
 falando em nome da arte sublime d'esse so-
 berbo Sequeira, alheado da politica pelo seu



1—A Fé (cavado de Sequeira)
 2—As mulheres dos poetas Gestraino, Dante e Ariosto
 (Carlos de Sequeira)



engenho e que sempre que a ella se entregava devia sair bem ferido como pela picada venenosa da tarantula, que só não fere certas carnes callejadas pelos vae-vens das agitações e que tiram sempre proventos das revoltas onde se mettem. O grande artista, mal visto por uns e outros, recusava dezeseis contos que lhe mandava offerecer a imperatriz da Russia para ir trabalhar nos seus Estados. A camara revolucionaria de 1820 não queria conceder a sua antiga e mesquinha pensão para o mais genial dos pintores portuguezes.

EM ROMA «A FÉ» «A ASCENSÃO» REMBRANDT DO CLARO

Tambem quando se deu a contra revolução de 1823 deixou Portugal. A politica já lhe dera bastos desgostos. Palmella foi levar-lhe a casa os passaportes e o pintor sem recursos viveu um inverno rigoroso em Paris onde se pôz a tra-

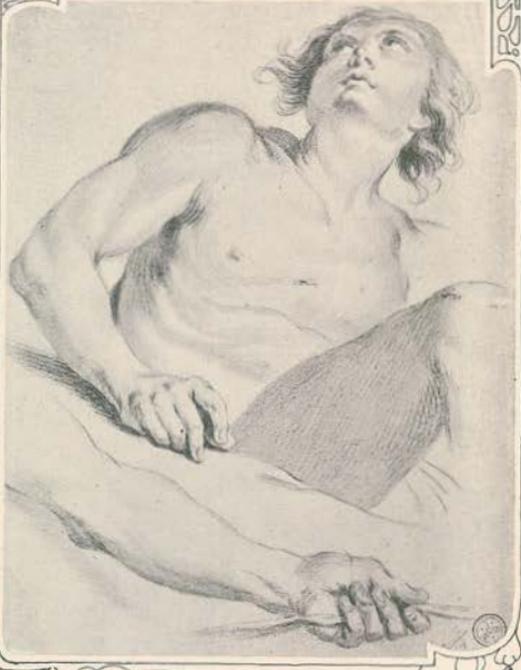
balhar no seu quadro a *Morte de Camões*. Depois voltou-se para os assumptos sacros, novamente cheio da religiosidade que o salvou e fez o quadro da *Crucificação* e o *Baptismo de Christo*. A França não agradava ao seu instincto de arte; entrava a apeterer socego e calma; e ao mesmo tempo, as campinas verdejantes de Roma, as bellezas do Castello Gondolfo, os céus amenos e os corpos esculpturais das romanas, toda essa luz artistica que ha em tudo n'essa terra que foi patria dos deuses e para lá partiu a entregar-se aos seus sonhos mas sendo obrigado a ganhar o pão quotidiano. E' o seu periodo de maior actividade e do apogeu do seu genio; da sua palheta sahem essas maravilhosas telas do *Calvario*, da *Ascensão* e do *Juizo Final*, primeiro esboçadas, as duas ultimas, em carvões que valem os quadros e onde ha uma grandissima impressão d'arte extranha. Na *Ascensão*, a luminosidade é um deslumbramento; no *Juizo Final* a execução é de tal forma que aterrorisa e pelo terror prende os olhos n'aquelle tumultuario onde o detalhe é ainda alguma coisa de soberbamente vigoroso. São d'esse periodo tambem os quadros a *Sacra Familia*, os *Magos*, a *Veronica* e a *Fé* que a grandeza Helena da Russia quiz para a sua galeria. Viveu em





O arcebispo D. Geraldo baptizando D. Afonso Henriques *(Esboço por Sequeira)*
Entrára na igreja—diz a lenda—um fidalgo de nome Egas Paes que andava excommungado e o arcebispo expulsára-o, não querendo baptisar
na sua presença o príncipe

Castello Gondolfo olhando as antigas moradias pontificias recordando-se talvez dos laranjaes da sua terra quando as primaveras chegavam e elles floriam. Mas ali, ao menos, era apreciado, recebia o bastante para viver, não tinha em torno os camaradas invejosos a quem anniquilal-o, a desejarem os seus logares com esse Angelo Foschini a quem as revolucionarios de 1820 encommendaram o retrato de D. João VI, quando o soberano voltou do Brazil e jurou a Constituição. Tam maus os tempos para a nação. Os politicos atiravam as suas facções umas contra as outras; dois irmãos de sangue real batiam-se; atevam-se odios, as coleras, as intrigas. Por fim um dos principes foi cahir n'esse mesmo exilio que o pintor escolhera para si, por lá andou sem ter o refugio que as almas dos artistas sempre encontram na belleza e que a de Sequeira mais que nenhuma outra gosou. No seu retiro de Roma, deante das aguas azues, sob os luminosos céus continuou a sua obra ainda durante uns annos, e quando na sua terra as luctas se travaram de novo elle foi sempre tratando a sua arte, livre da politica, que lhe fizera passar horrores, refugiando-se no seu sonho e deixando a lisonja ir progredindo em bens, agora



1—Um estudo de Sequeira
2—Um anjo (carrão de Sequeira)

(REPRODUÇÃO DE CARVÕES E AGUARELLAS DA COLLECÇÃO DA BIBLIOTHECA NACIONAL.)

aos pés de D. João VI, logo aos de D. Miguel, no dia seguinte aos de D. Pedro. No anno de 1837, quando chegou a alvorada da sua amiga primavera, fechou os olhos para sempre. Sequeira, applaudido, amado, tornado um pintor d'universal reputação, devia morrer com a consciencia das maravilhas que deixava o seu pincel sublime que nenhum outro artista portuguez já-mais manejaria como elle, esse Rembrandt do ciaro a quem Portugal, que o engeitou em vida, ainda deve a consagração bem merecida por tantos talentos affirmado nas preciosidades que deixou o seu pincel admiravel.



O BANDO PRECATORIO DOS ESTUDANTES



1—O carro com a estatua de Minerva (a mesma que figurou no carro dos estudantes por ocasião do cortejo do tri-centenario de Camões em 1880) sahindo do jardim da Escola Polytechnica 2—O bando descendo a rua Larga de S. Roque e passando defronte do theatro da Trindade



Os estudantes da Escola Polytechnica, acompanhados por alguns dos seus collegas das escolas de Lisboa, percorreram as ruas da cidade em sexta-feira, 4 de junho, a fim de angariarem donativos para a fundação de escolas nas regiões assoladas pelo terremoto. O cortejo formou-se, com os seus pendões escolares, bandeiras, a tuna acadêmica,



grupos escolares e um grande carro allegorico e passou através das ruas recebendo as quantias com que se subscrevia para essa obra bem digna da mocidade escolar. O bando recolheu a importante quantia de 809.775 réis e os estudantes ficaram deveras gratos á população da capital por ter correspondido tão dignamente ao seu appello.



1—Alumnas da Escola Central de Ensino Livre
 2—Os estudantes sahindo do jardim da Escola Polytechnica, onde se organisou o bando precatorio 3—Um aspecto do bando na occasião da sua passagem no Largo das Duas Igrejas (Clichés de BENOLIEL)



MACHAQUITO DO CAMPO PEQUENO

O GRANDE DIESTRO HESPAÑOL RAFAEL GONZALEZ «MACHAQUITO»
1—Uma valente vara, 2—No toureiro de muieta



1—O ESPADA
«MACHAQUITO», SENTADO
NO ESTREMO,
ACOMPANHADO DOS
BANDARILHEIROS,
VENDO-SE
NA TRINCHERA
UM DOS SEUS PICADORES
E O CAVALLEIRO
EDUARDO DE MACEDO

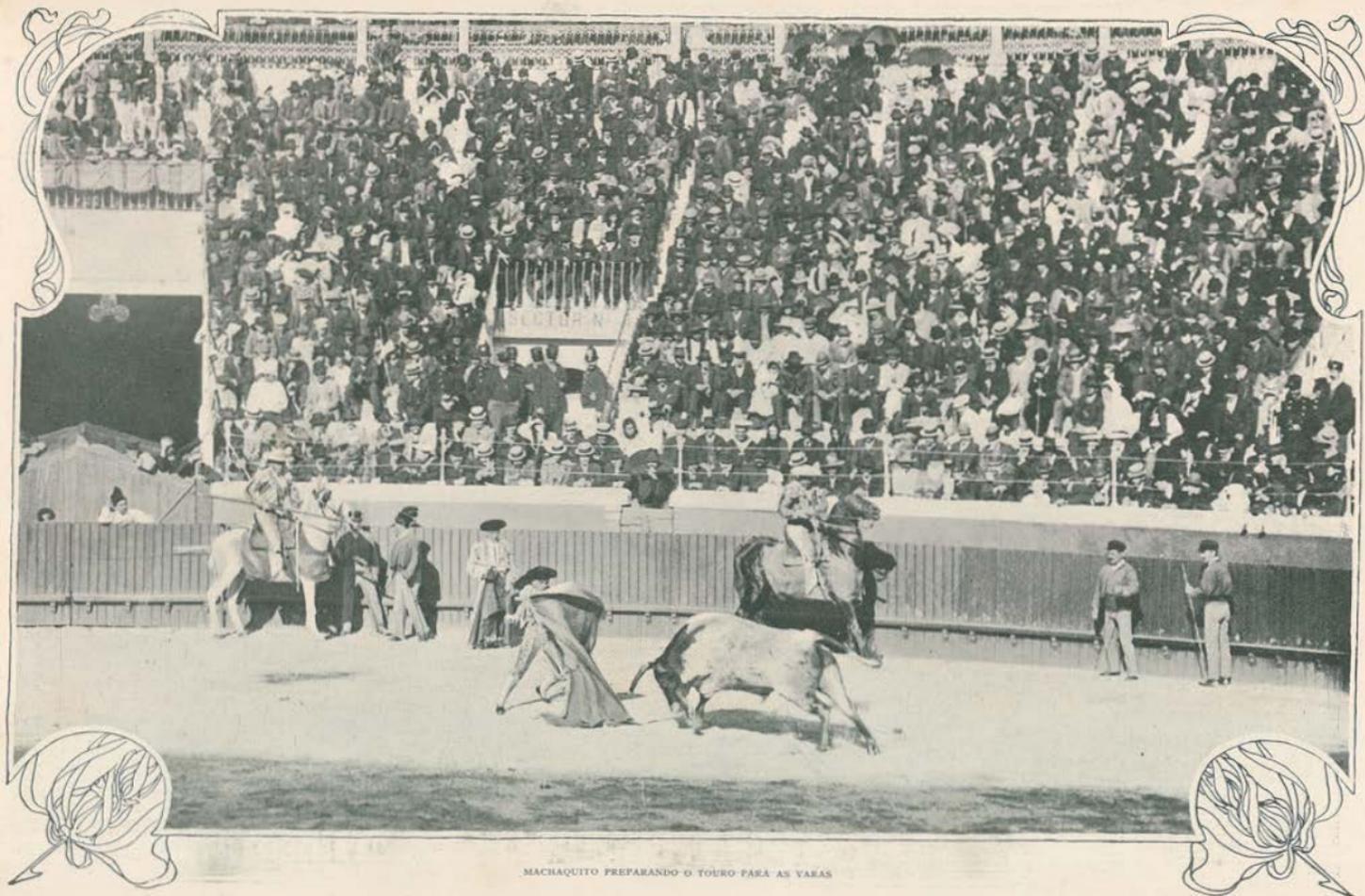
新字派

2—UM TRECHO
DA ASSISTENCIA, EM QUE
SE DISTINGUE
A TOUREIRA MARIA
SALOME
«LA REVERTE»

新字派

3—MACHAQUITO
ENTRANDO A MATAR





MACHAQUITO PREPARANDO O TOURO PARA AS VARAS



UMA BOA VARA

(Clichés de BESOLIERE)

UM CONGRESSO PROTESTANTE EM LISBÔA



O congresso das Uniões Chris-

Grupo dos delegados officiaes que tomaram parte
dias 20 a 24

tas da Mocidade de Portugal

nas sessões do Congresso, que se realizaram nos
do mez findo



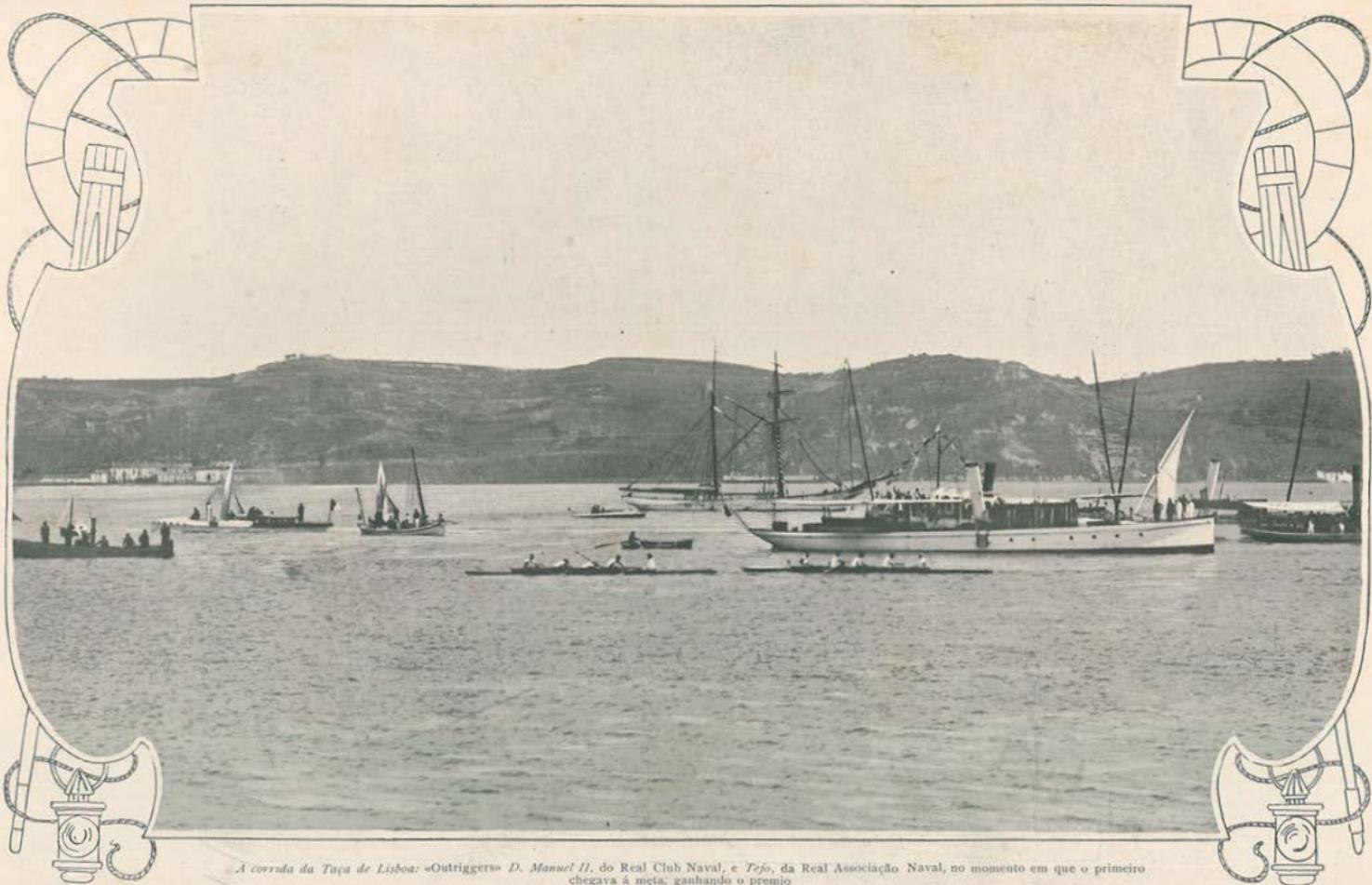
Grupo dos congressistas adherentes, tirado no Campo Grande

TACA LISBOA

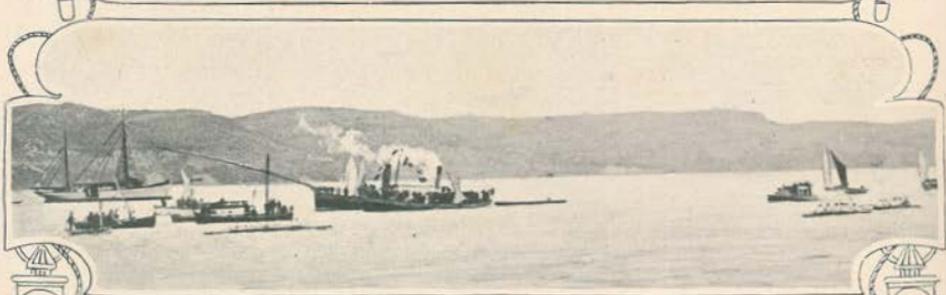
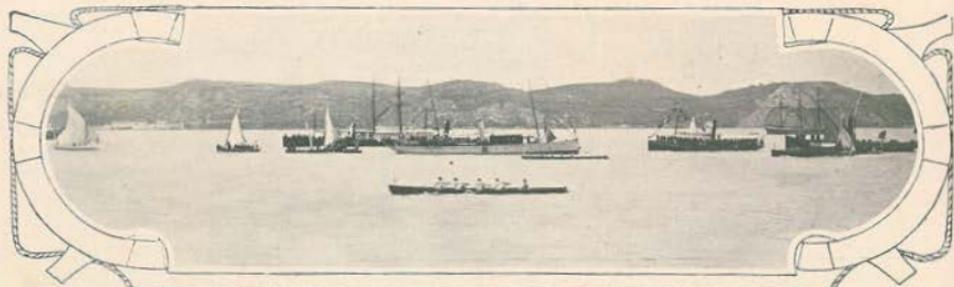
A REGATA DE REMOS



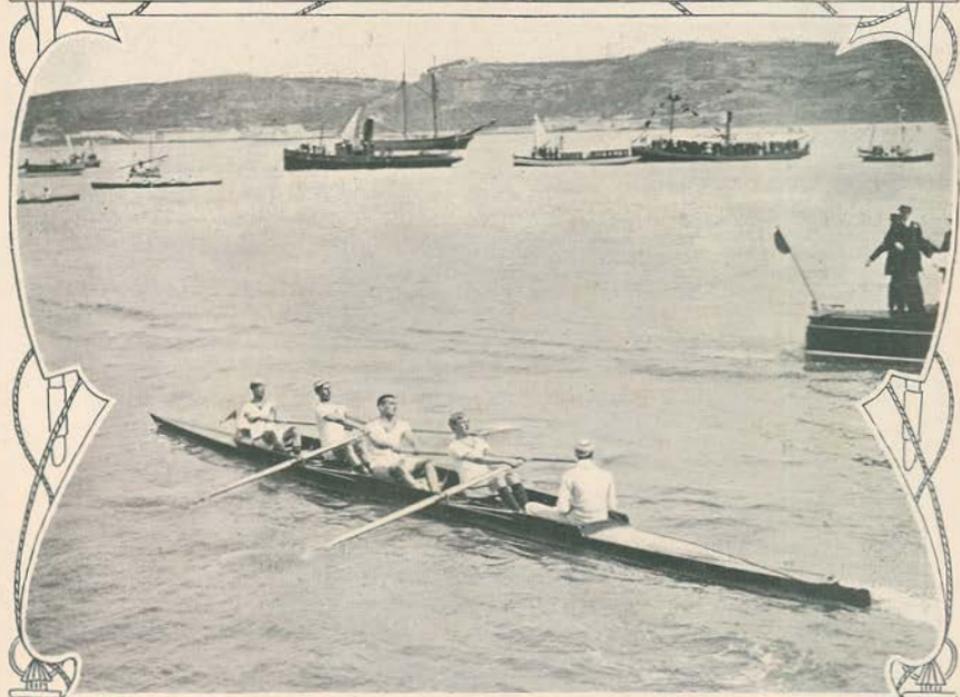
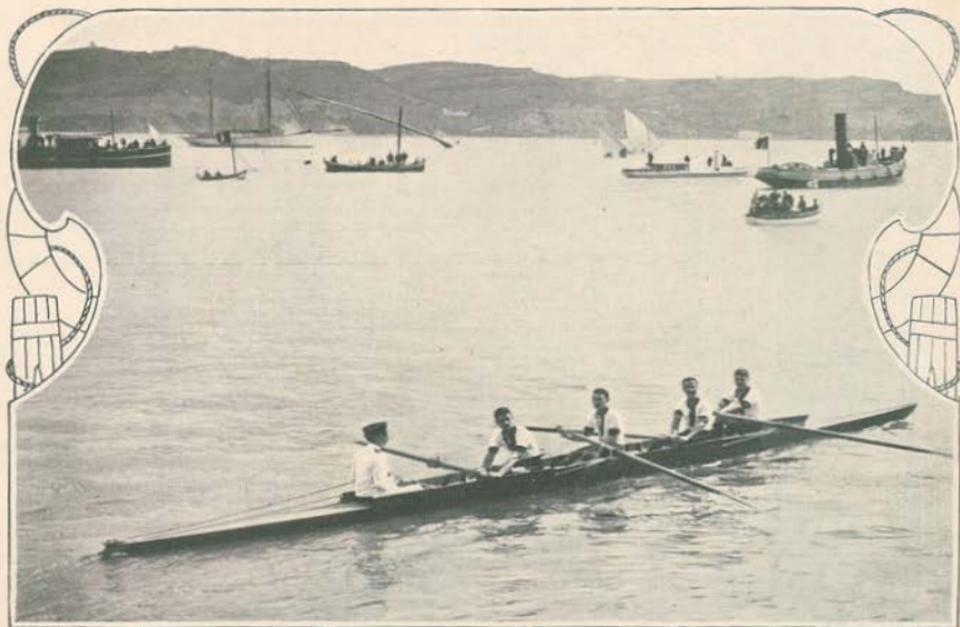
1—A *Invicta*, canôa-automovel do sportsman sr. Charles Bleck
2—O *Espadarte*, do sr. Bandeira de Mello
3—O *Elsu*, «yacht» do sr. Paxiôta



A corrida da Taça de Lisboa: «Outrigger» D. Manuel II, do Real Club Naval, e Tejo, da Real Associação Naval, no momento em que o primeiro chegava à meta, ganhando o premio



1—A 2.ª corrida inter-escolar. Os *suriggers* *Alhair* com a equipe do Lyceu Passos Manuel, e *D. Maria Pia* com a equipe do Lyceu da Lapa, que venceu a corrida
 2—O vapor conduzindo os socios da R. A. N., organisadora da corrida
 3—A 3.ª corrida entre a R. A. N., o R. C. N. e o Oporto Boat Club, em que venceu a R. A. N.



1—O outrigger *D. Manuel II*, do R. C. N., tripulado pelos srs. Vasco Almeida, timoneiro, Albano Santos, Jorge Aldim, Carlos Reuler e Motta Marques, voga, que ganhou a corrida da Taça contra a R. A. N. 2—O outrigger *Tijó*, da R. A. N., tripulado pelos srs. Luiz Rembado, timoneiro, José Serra, José Prego, Augusto Talone e William Sissener, voga, que ganhou a 3.ª corrida contra o R. C. N. e o D. B. C.

(Clichés de BENOLIEL.)

NO VELODROMO DE PALHAVÃ



A FESTA SPORTIVA DA ESCOLA ACADEMICA EM 6 DE JUNHO

- 1—O professor de jogo de pau, sr. Arthur Santos, e dois dos seus discipulos
- 2—O sr. dr. Mauperrin Santos, director da Escola Academica, com dois vencedores, os alumnos Afonso Neves e o joven Victor da Silva,—o valente Naba, como é alcunhado pelos collegas
- 3—A partida da corrida de cyclistas
- 4—O grupo de alumnos da classe de equitação que executaram diversos exercicios hippicos

(Clichs de BRUNO LIL)

RAÇA TURINA

O CONCURSO DO CAMPO GRANDE



No dia 6 do corrente realisou-se junto ao chalet das Canas do Campo Grande, onde havia tambem n'esse dia a habitual feira annual de gado, o primeiro certamen de raça turina promovido pela Real Associação Central de Agricultura, a que compareceram 85 cabeças, sendo admittidas a concurso 42.



1—Dois bons exemplares
 2—O touro pertencente ao sr. Antonio Francisco Ribeiro Ferreira, que recebeu o primeiro premio, destinado ao melhor animal turino puro ou melhorado com sangue hollandez, em plena funcção reproductora



1 — O famoso touro
Hercules II,
do Casal do Falcão,
de que a

Ilustração Portuguesa, em maio
de 1907, publicou
photographias tiradas
aos 21 meses



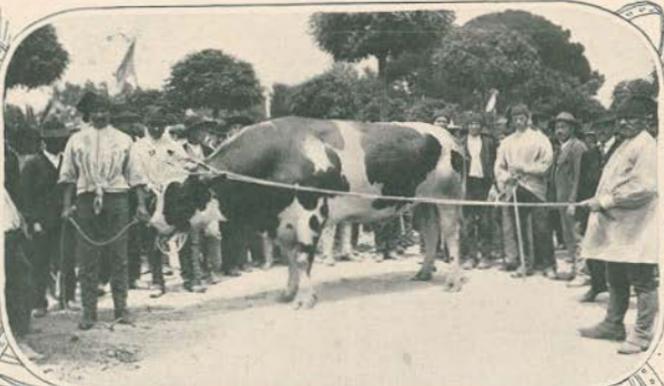
2 — A cabeça do magnifico
exemplar que ganhou o primeiro
premio



3 — Um dos mais interessantes
exemplares expostos



4 — O jury classificando um bello
exemplar
com a respectiva cria
(Clichés de BENOILEL)



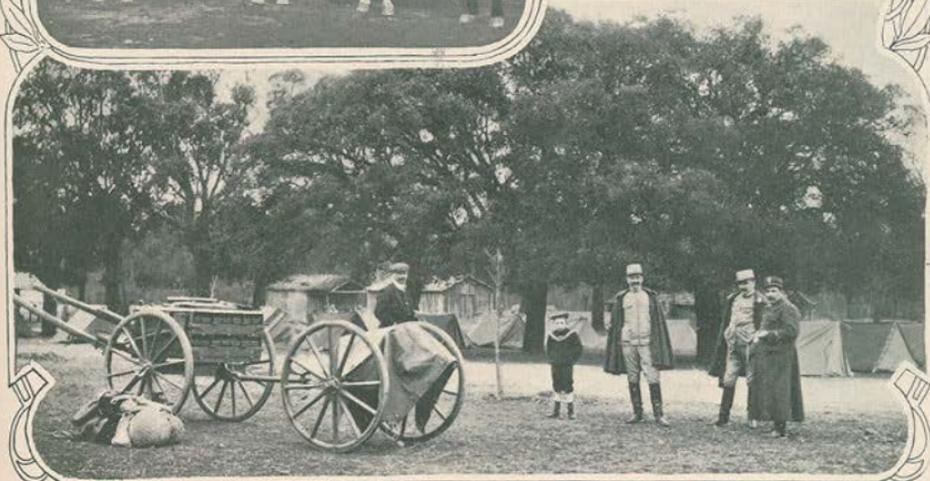
VIDA MILITAR



O BATALHÃO DE CAÇADORES DE VALENÇA

Alguns exercicios novos e interessantes ultimamente realizados pelo batalhão de caçadores n.º 5 na praça de Valença:

- 1—O batalhão em bivaque: frente da bandeira
- 2—Uma companhia de metralhadoras dirigindo-se para a data d'agua
- 3—Em bivaque: Uma viatura de metralhadoras.



NA MADEIRA

UM BANDO PRECATORIO

1—Aspecto do bando precatorio realizado no Funchal, no domingo 23 de maio, para colher donativos em favor dos sobreviventes do Ribatejo, por occasião da sua passagem na rua da Carreira.



2—A passagem do carro do Atheneu Commercial na ponte de S. Lazaro.

(Clichés da phot. VICENTE, DO FUNCHAL, AMABILMENTE OFFERECIDOS À «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»)



A MUSICA DE CAMARA EM PORTUGAL



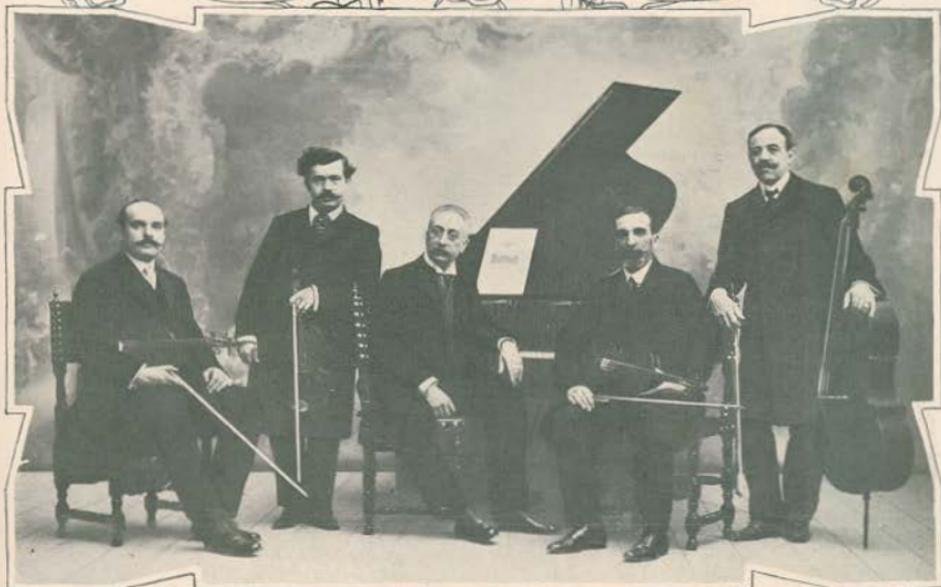
Medalha da Sociedade de Musica de Camara
(verso)



Medalha da Sociedade de Musica de Camara
(reverso)

Palestrando acerca da origem de certos males que affligem o paiz, dizia-nos ha dias um estrangeiro illustre, a quem os assumptos portuguezes muito interessam:—aos homens de Portugal, apenas falta, a miude, uma qualidade essencial para o triumpho absoluto,—

a tenacidade, a perseverança na lucta. A observação não é inteiramente verdadeira, exemplos varios o demonstram. A nossa acção exerce-se, talvez, com demasiada lentidão, que a lição do aphorismo—*de vagar se vai ao longe* podia justificar, mas, que é ape-



O quinteto da Sociedade de Musica de Camara

leccionistas e ao tempo organisador entusiasta de varios concertos, tambem incluiu nos seus programmas algumas d'essas obras de pura arte, que rutilavam como maravilhas de joalheria antiga entre as preciosidades, mais ou menos authenticas, predilectas da epoca. Mas, essas tentativas largamente espaçadas, sem obediencia a um proposito definido resultaram inuteis. Em 1874, porém, a musica de camara em Portugal teve o seu primeiro impulso sério com a organização da Sociedade de Concertos Classicos de que foram iniciadores, João Guilherme Daddi (piano), Roque Lima, Daniel Gomes, Wagner, Metello e Wintermantel. Foi sol de pouca dura! No anno seguinte, nova tentativa. Funda-se a Sociedade de Concertos de Lisboa, com Daddi, José Vieira, Reymondes, Zenoglio, Rio de Carvalho, Alfredo Gazul—que depois foi tenor de profissão, João Evangelista da Cunha e Silva e o pae d'este violoncellista. A vida da Sociedade de concertos foi profundamente accidentada. Era no tempo em que o sentimentalismo piégas fazia carreira, embora accossado rudemente pelas agudas ironias que lhe arre-



o sr. José da Costa Carneiro

messava do alto d'*As Farpas* o caustico humorismo de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz. As meninas ficavam-se horas á janella a ouvir o cantador ambulante, o Gaspar da viola, tremelicar em falsete a canção em voga—*Não te esqueças meu aujo de mim!* Nos salões, o sexo fragil vibrava ao som dos fados chorosos, ou saltitava como um bando de arveolas ao compasso suggestivo da *Polka dos Rouxinos* e outras pavorosas phantasias lyrico-dancantes da epoca. Nas estantes, uma, ou outra peça de musica classica amarellecia sob o peso dilacerante das partituras modernas. Não! A musica de camara, não tivera sorte. Oliveira Duarte, — depois visconde de Arneiro, reuniu n'esse anno de 1875 na sua casa da rua Larga de S. Roque alguns artistas, iniciando uma interessante serie de concertos de musica de camara. Mas, as audições particulares, actuam n'um meio muito restricto, não tendo portanto as vantagens de diffusão artistica essenciaes para a educação do publico. Os concertos de Oliveira Duarte continuaram, interessando apenas os intimos do dono da casa.

Em 1876, funda-se outra sociedade, a Sociedade de Quartettos com Reymondes, Metello, Wagner e José Vieira. Foi mais uma tentativa gorada, bem como a que se registou em 1880 sob o nome de Sociedade de Quartettos de Santa Cecilia, que tinha como executantes Alexandre Ferreira, Julio Neuparth, Filippe Duarte e Augusto Palmeiro. Succedeu-se uma pausa; até que em 1882 veio a Sociedade de Quartettos de Madrid, com Monasterio, Arbos e outras individualidades em destaque no



sr. José da Costa Carneiro
(Caricatura de Malhõa)



Musica de Camara. Moveram-se todas as partes componentes do tal monstro-sinho a que se conveniouno chamar «opinião publica» ao ruido dos applausos conquistados pelo primeiro concerto. Mas o esforço resultou em pura perda. A verdadeira, a legitima *opinião publica*, manifestou-se d'uma forma inequivoca e o exito do primeiro concerto foi triumphal. Entre as manifestações de sympathia, notabilizou-se a offerta de cinco *carões* de Malhõa, caricaturas graciosissimas dos cinco executantes, que illustram este artigo.

Desde então cada anno de existencia da Sociedade de Musica de Camara, marca uma *etapa* gloriosa. Em 1900, dá a Sociedade tres concertos, vigorizada por um novo grupo de absoluta novidade para o paiz,—um quinteto de instrumentos de sopro, constituído pelos srs. José Henriques dos Santos, Arthur da Fonseca, Severo da Silva, Manuel Tavares e João Manuel Gonçalves. Na epoca seguinte estabeleceram-se series regulares de sessões e obtiveram-se subscriptores que, mediante o pagamento mensal de 180x0 réis tinham direito a 3 bilhetes para cada concerto,—condições ainda em vigor. Em 1901, escriptura a Sociedade um violinista de alto valor, D. Francisco Benetó; n'esse anno Vianna da Motta, Bernardo Moreira de Sá e os notaveis artistas Marix Loevenssohn e Louis Livon dão o esplendido realce da sua

mundo musical dar aos lisboetas estarecidos, um lição de musica de camara.

A seguir, tivemos os concertos austriacos com Sauret e Popper e outros artistas de reputação mundial. Em 1883, nova tentativa nacional, com a realisação de concertos em que tomaram parte Caggiani, Wintermantel, F. Duarte, F. Bahia, Moraes Palmeiro, etc. Os resultados foram ephemeros. Cabe ao Porto a gloria de ter dado um impulso notavel á musica de camara, com a creação em 1884 d'uma sociedade, que depois se transformou no Orpheon Portuense, instituição notabilissima, que tem prestado assignalados serviços de diffusão artistica dando concertos periodicos, quasi sempre com artistas estrangeiros expressamente contractados, tendo a musica de camara larga representação no seu programma.

Em Lisboa, de 1883 a 1899, registam-se alguns concertos d'esse genero, sendo dignos de menção especial, aquelles que em 1888 realisaram Alexandre Rey Colaço, Victor Hussla, A. Gazul e João Evangelista da Cunha e Silva. Foi então em 1899, como já dissémos, que nasceu a actual Sociedade de



1—O sr. Cecil Mackée
(Caricatura de Malhõa)
2—O sr. Cecil Mackée

colaboração aos concertos da Sociedade. Em 1902, apresentação das irmãs Suggia, além de outros artistas e amadores cujos nomes são já hoje consagrados no nosso meio musical. Em 1903-904, a sociedade escriptura os grandes artistas Ysaye e Pugno. Em 1905, vem os artistas belgas Arthur De Greef, Crikboom e Ruegger notabilisar os seus concertos, bem como o notavel concertista austriaco Niederberger.

Em 1906, collabora nos trabalhos da sociedade o violoncellista Max Loevensson e o seu acompanhador Joseph Daene, bem como os celebres artistas portuguezes Vianna da Motta e Guilhermina Suggia. Em 1908, escriptura a sociedade os concertistas Geneviève Dehelly, Juliette Laval e Adele Clement. N'essa mesma epoca, toma parte nos seus concertos a illustre pianista Marie Antoinette Aussenac, artista portuguese educada em Paris. Finalmente, no anno corrente nos concertos já realizados, tomaram parte os notaveis artistas portuguezes Luiz Costa e sua esposa D. Leonilda Moreira de Sá e Costa (piano) e Bernardo Moreira de Sá (violino), além dos seguintes amadores e artistas, elementos em constante actividade nos concertos da sociedade: — D. Ernestina Freixo, D. Stella e D. Camilla Avila, D. Bertha da Cunha e Menezes, Michel Angelo Lambertini, Francisco



O sr. D. Luiz da Cunha Menezes
(Caricatura de Malhós)

Benetó, Cecil Mackees, Carlos Estevão de Sá, Antonio Lames, Pilipp Sumers Cocks e D. Luiz da Cunha e Menezes.

Como se vê, são inumeros e assignalados os serviços prestados á arte musical no paiz pela Sociedade de Musica de Camara, brilhantemente coroados com o *Concurso de musica portugueza*, que esta Sociedade recentemente abriu. Ao cabo de dez annos de porfiadas luctas contra a dissolvente ignorancia e contra a malfica indifferença, esse grupo de homens que em 1809, sem volver os olhos para as ruinas de tantos esços, mettia hombros á temeraria empreza, pôde contemplar com legitimo desvanecimento a sua patriotica obra de propaganda artistica. E, logo, sem repousar sob os louros colhidos, affirma a valia do seu esforço com essa grandiosa iniciativa d'um concurso para submitter a uma prova interessantissima a inspiração dos compositores nacionaes.



O sr. D. Luiz da Cunha Menezes

A este concurso que fechou em 31 de março foram apresentadas as seguintes obras: —10 quartetos de corda, 7 sonatas, 3 quartetos de piano. Um jury a que presida José Vianna da Motta, secretariado por Ernesto Vieira e Antonio Arroyo e

ne, em que serão executadas as tres obras premiadas e distribuidos os premios, aos seus auctores.

E eis aqui, como a Sociedade de Musica de Camara, levando por vezes uma vida attribulada, sem sede propria, sem incentivos o offi-



O sr. José Relvas

(Caricaturado por Malhõa)

a que pertencem mais, Adriano Merea, Alberto Sarti, Antonio Tabor da, Augusto Gerschey, Augusto Macha-

cias, —e não raro, tendo de vencer obstaculos que inutilisariam facilmente vontades menos energicas, pôde apre-

do, Filippe Duarte, F. Benetó, Freitas Gazul, Frederico Guimarães, dr. João D'Korth, Jorge Wendling, Manuel Tavares, Marquez de Borba, Pedro Blanch e Timotheo da Silveira, está julgando essas obras musicas. Por fim terá logar um concerto e sessão solem-

sentar-se com um nobre e consolador exemplo de assombrosa tenacidade.

O exemplo devia ser seguido n'outros ramos de arte no nosso paiz que bem carece de tão bellas iniciativas.



LUIZ TRIGUEIROS.

O sr. José Relvas

FIGURAS E FACTOS



Curso do 5.º anno theologico-juridico de 1883-1884, reunido em Coimbra no dia 1 de junho para comemorar o 25.º anniversario da sua formatura
(Clické amavelmente cedido pela PHOT. CONIMBRICENSE)



Grupo d'amadores que tomaram parte no sarau realizado no theatro D. Maria Pia de Leiria, em beneficio das victimas do terremoto do Ribatejo
(Clické do photographo MANUEL JOAQUIM DA SILVA)

Diogo Polonio pertence ao curso de direito de 1899, estando actualmente no 4.º anno, por ter interrompido 8 annos os seus estudos. Na ultima reunião dos bachareis d'aquelle curso, realisada em Coimbra, Polonio presidiu á ceia intima, sendo muito festejado.



1—O sr. conde Leopoldo Koziobrodzki, ministro da Austria em Lisboa, que foi recebido em audiencia para a apresentação de credenciaes por Sua Magestade El-Rei no dia 4 do corrente e o secretario da legação
3—A chegada do arcebispo de Westminster a Lisboa; O arcebispo com o superior do seminariõ dos inglezinhos
(Clichés de RENOLIEL)



2—Diogo Polonio, fige da charanga Lamoureux e trompista afamado

4—Na gare do Rocio; O arcebispo de Westminster com algumas das pessoas que o aguardavam, entre as quaes os srs. arcebispo de Mytilene, padre Singleton e conego Senna Freitas
(Cliché de RENOLIEL)

